
A REPRESENTAÇÃO DA “MULHER PACOTE COMPLETO”: OS DISCURSOS SOBRE A “MÃE SOLTEIRA”

Daniela Silva Agendes*

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como são construídos e (re)produzidos, no discurso jornalístico, sentidos sobre as mulheres, especificamente as mulheres solteiras com filhos, ou “mães solteiras”, com atenção para questões ideológicas e de gênero. Tomamos como base os pressupostos teóricos da Análise de Discurso francesa, segundo Michel Pêcheux, em uma concepção do texto em sua discursividade. Analisamos a reportagem “Pacote completo” (revista *Gloss*, Editora Abril), que trata das dificuldades que mães solteiras enfrentam, por sua condição de mães, na busca por um companheiro para um relacionamento amoroso. Os discursos reproduzem uma posição dual na representação das mulheres: sentidos inovadores, que remetem a valores condizentes com as conquistas das mulheres, convivem com outros que se referem a valores conservadores.

Palavras-chave: Discurso, jornalismo, questões de gênero, mães solteiras.

THE REPRESENTATION OF THE “COMPLETE PACKAGE WOMAN”: DISCOURSES ABOUT THE “SINGLE MOTHER”

Abstract: The objective of this paper is to analyze how meanings about women, particularly single women with children, often called “single mothers”, are constructed and (re)produced in the journalistic discourse, by taking into consideration ideological and gender aspects. The theoretical grounds are taken from the French Discourse Analysis, according to Michel Pecheux. The *corpus* consists of a report entitled “Complete Package” (*Gloss* magazine), which talks about the difficulties that single mothers face in the search for a partner for a loving relationship. The discourse analysis indicates a dual position in the representation of women, characterized by a coexistence of meanings that refer to current values – in according with women’s achievements –, with others that refer to conservative values.

Keywords: Discourse, journalism, gender studies, single mothers.

Introdução

Os discursos da mídia parecem ser um importante meio de disseminação de sentidos sobre a mulher. Estudos diversos (MATOS; LOPES, 2007; MIRA, 2003) tratam da representação de gênero em meios de comunicação, especialmente em revistas femininas e masculinas. O discurso jornalístico, foco deste trabalho, contribui para

a produção de valores e crenças, além de representações e imagens, entre elas, do gênero feminino.

A Análise de Discurso francesa (AD), fundada nas reflexões de Michel Pêcheux, parece ser um campo de estudo adequado para esta pesquisa, que busca investigar como são construídos e (re)produzidos sentidos sobre as mulheres, no discurso jornalístico. A AD permite estudar a materialização da língua no discurso, levando em conta a exterioridade do dizer, em uma relação do linguístico com o sócio-histórico (ORLANDI, 2006). Ao relacionar língua, história, sujeito e ideologia, a AD possibilita realizar uma investigação considerando-se as posições ideológicas que determinam os sentidos disseminados pelos meios de comunicação. Isso leva a não considerar os sentidos como transparentes ou dotados de existência "[...] em si mesmos (isto é, em relação transparente com a literalidade do significante)" (PÊCHEUX, 1988, p. 160), mas sim como mutáveis segundo as posições sustentadas por quem os emprega.

Essas posições são inscritas em formações ideológicas (FIs), e é em referência a elas que os sentidos se determinam. No discurso, as formações ideológicas se manifestam em formações discursivas (FDs). As FDs representam, no discurso, posições ideológicas dadas em conjunturas dadas. Assim, mais do que representar e determinar sentidos, a FD determina o que pode e deve ser dito, segundo a FI a que se filia. Segundo Pêcheux:

[...] as formações ideológicas [...] comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harena, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (PÊCHEUX, 1997, p. 166-167).

A partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, este artigo analisa a reportagem "Pacote completo"¹, da revista *Gloss*² de dezembro de 2010, a fim de discutir sobre como são (re)produzidos e atribuídos sentidos às mulheres e à maternidade, especificamente às mulheres com filho(s) que não vivem com marido ou companheiro, chamadas de "mães solteiras". A matéria, de autoria feminina, trata de dificuldades enfrentadas por parte das jovens mães solteiras para manter um relacionamento amoroso. Torna-se relevante atentar para tal reportagem, visto que mais da metade (51%) das mulheres brasileiras são mães, e de que uma parcela significativa dessas é de

mães solteiras: dentre as mães de classes A e B, um quarto são solteiras, enquanto nas classes D e E, essa percentagem sobe para mais de 50%³.

Dedicamos a primeira seção deste trabalho para abordar alguns pressupostos da Análise de Discurso que pensamos ser importante mobilizar neste estudo, quais sejam o discurso, o sentido e o interdiscurso. Em seguida, fazemos algumas observações sobre as condições de produção do discurso jornalístico. Na terceira parte, sob a visão dos estudos de gênero, falamos de algumas construções culturais em torno de mulheres. Como buscamos discutir os sentidos sobre as mães solteiras e as formações discursivas em jogo no discurso da reportagem em questão, trazemos sentidos anteriores especificamente relacionados à mulher e à maternidade, pois, conforme Orlandi (1999), para se compreender o funcionamento do discurso, é importante remeter os dizeres analisados a anteriores, identificando-os em sua historicidade e significância. Isso significa observar o interdiscurso, isto é, a memória discursiva, discursos passados que retornam em todo dizer e os tornam possíveis. Realizamos, assim, uma relação de elementos da materialidade linguística com a exterioridade. Por fim, na análise da reportagem, discutimos sobre possíveis sentidos ali inscritos e retomamos a reflexão realizada sobre representações e FDs relacionadas à mulher que ali se manifestam. Percebemos uma abordagem dual com respeito à mulher, em que sentidos condizentes com as conquistas das mulheres dos últimos anos convivem com valores conservadores.

Alguns princípios básicos da Análise de Discurso francesa

Ir além da compreensão da superfície das evidências textuais talvez não seja um exercício comum no dia a dia das pessoas em geral. A Análise de Discurso (AD), em contrapartida, envolve uma interpretação complexa, para além do estudo de, por exemplo, classificações lexicográficas e regras gramaticais, pois privilegia a investigação da linguagem relacionada à sua exterioridade, isto é, considerando o contexto linguístico e social (MAZIÈRE, 2007).

Orlandi (1999) afirma que a AD, ao invés de considerar a língua como um sistema abstrato, considera-a como inserida no mundo, em funcionamento. Para a AD, interessa o homem falando, inserido na história e produzindo sentidos em condições de produção determinadas. As situações em que o dizer é produzido interessam a esse campo de estudo interpretativo, de modo que a AD permite articular o discurso ao contexto sócio-histórico. Em outras palavras, a AD trabalha "[...] com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto" (ORLANDI, 1999, p. 16).

Analisar o discurso permite relacionar língua e ideologia, isto é, refletir "[...] sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua" (ORLANDI, 1999,

p. 16). A partir dessa relação, é que se torna possível que a língua produza sentidos por e para sujeitos.

O sentido, para a AD, não é um objetivo a ser atingido; o analista não quer atravessar textos procurando encontrar sentidos do outro lado, mas sim, investigar de que modo eles são produzidos (ORLANDI, 2006). Ferreira explica que o sentido muda segundo "[...] a formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta. O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido" (FERREIRA, 2001, p. 22).

Desse modo, conceber o texto em sua discursividade implica considerar não os sentidos como transparentes, mas como opacos. Pêcheux (1988) também esclarece que uma palavra, expressão ou proposição não possui um sentido próprio. Uma mesma expressão pode receber sentidos diferentes, conforme a formação discursiva em que se constitui⁴. Interessa à AD, pois, analisar como o sentido se inscreve no discurso e a que sentidos outros ele remete, para além da transparência e da literalidade.

Para isso, é preciso considerar, além da estrutura linguística, a interdiscursividade. Na "Análise Automática do Discurso" (AAD 69), Pêcheux coloca que discursos remetem a outros e que devem ser remetidos às "relações de sentido" na qual são produzidos. Em um indício do que viria a ser chamado de interdiscurso, afirma: "[...] o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado [...]" (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

O interdiscurso, nesse sentido, refere-se a discursos outros que retornam no discurso atual. Diz respeito ao "já-dito" (PÊCHEUX, 1988, p. 167) antes, "em outro lugar e independentemente" (PÊCHEUX, 1988, p. 156). Também chamado de memória discursiva, o interdiscurso representa o saber discursivo que possibilita todo dizer e que retorna em todo dizer, sob a forma do pré-construído (ORLANDI, 1999). Em outras palavras, o interdiscurso "atua" em todo discurso, na forma de tudo o que já foi dito e de todos os sentidos que já circularam sobre certo assunto. Assim, os sentidos "[...] já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes [...]" (ORLANDI, 1999, p. 31), no caso deste trabalho, sobre ser mulher e ser mãe, têm efeito nos dizeres atuais, na reportagem "Pacote completo".

Para analisar discursos, é preciso interpretá-los considerando suas condições de produção, visto que a AD privilegia a relação do discurso com sua exterioridade. As condições de produção, de certa

forma, determinam os dizeres e estão presentes de alguma forma nos efeitos de sentido dos discursos. Elas compreendem o sujeito⁵ e a situação, segundo Orlandi (1999).

Pêcheux (1997, p. 79) considera que “[...] é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”. Com isso, fica clara a importância das condições de produção e do interdiscurso, para a AD.

Elementos sobre as condições de produção do discurso jornalístico

As condições de produção, conforme Orlandi (1999), podem ser consideradas tanto em sentido estrito, quanto amplo. O primeiro diz respeito ao contexto imediato da enunciação e o segundo ao contexto sócio-histórico e ideológico. Estamos tratando de um meio de comunicação de massa, a revista. Identificar precisamente o contexto imediato da produção da reportagem jornalística envolveria conhecer a editora, a redação e os jornalistas. Sem falar nos milhares de leitores, pelo país afora, que leem a revista em contextos e momentos diferentes, variáveis.

Por outro lado, é possível refletir sobre o contexto amplo das condições de produção do discurso jornalístico: a posição superior de onde fala e o efeito que produz na sociedade. Responsável pela circulação de informações sobre os fatos que acontecem no mundo, o discurso jornalístico produz dizeres que aparentam representar ou mesmo refletir a realidade social⁶, em posição de credibilidade perante a sociedade, o que demonstra seu poder sobre a administração do “dizer sobre” o mundo.

Ao relatar os acontecimentos do mundo, o discurso jornalístico contribui para a construção de imagens, valores, crenças e representações, de modo que produz certos efeitos de poder sobre comportamentos e corpos e exerce influência na construção e transformação de identidades. Desse modo, percebemos as condições de produção de credibilidade de onde a revista *Gloss* fala e a influência que o discurso jornalístico é capaz de exercer sobre a representação das mulheres.

Dentre os tipos de texto do discurso jornalístico, a reportagem é, juntamente com a notícia, a que se apresenta em maior número nos veículos de comunicação. A reportagem se caracteriza pelo aprofundamento com respeito a causas, consequências e contextos de acontecimentos, segundo Traquina (2005), e pode oferecer diferentes ângulos de visão de dada situação. As reportagens de revistas têm como marca contextualizar assuntos e usar-se da criatividade da linguagem, para prender o leitor⁷. Pelo seu caráter interpretativo e aprofundado, a reportagem aparece como um importante espaço discursivo a ser analisado, podendo mostrar-se como um frutífero

lugar de construção e circulação de sentidos, neste caso, sobre as mulheres.

Questões de gênero: mulheres, mães e família

Para interpretar os sentidos na reportagem selecionada, consideramos importante discutir, antes, sentidos já circulantes em formações discursivas relacionadas à representação das mulheres. Eles irão trabalhar como pano de fundo para a análise realizada a seguir, pois, com essa reflexão, teremos base para retomarmos e identificarmos, na reportagem estudada, sentidos já existentes sobre mulher, maternidade e família.

Um dos atributos mais relacionados ao que significa ser mulher é o fato de poder ser mãe. Muitas são as feministas e os estudos de gênero que abordam o estereótipo e o destino da mulher como mãe, muitas vezes combatendo-o. A questão da mulher como "reprodutora" faz parte da visão baseada em funções biológicas para atribuir sentidos ao feminino e ao masculino, segundo a qual mulheres e homens são seres diferentes por suas anatomias particulares.

Funck (2007) propõe pensar o feminino e o masculino para além da noção de diferença biológica e meramente anatômica, levando a discussão para a questão do gênero. Ela diz:

Com o termo gênero, tomado de empréstimo da gramática tradicional, passa-se a contemplar o caráter social e culturalmente construído, e portanto contingente, da femininidade⁸ e da masculinidade. Além de dar conta das especificidades de tempo e lugar, gênero nos permite trabalhar no terreno da ideologia e da hegemonia, enfocando questões identitárias e políticas de representação (FUNCK, 2007, p. 184).

Nesse sentido, importa a construção cultural em torno do que é relacionado a mulheres e homens, em detrimento da "noção binária de sexo ou diferença sexual" (FUNCK, 2007, p. 183). Ainda é possível afirmar que, conforme o momento histórico e o local, são atribuídos sentidos variados ao feminino e ao masculino. Na mesma via, Scott (1999, p. 2) coloca que "[...] gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais"⁹.

A recusa à biologia como explicação para a opressão sofrida pelas mulheres já era discutida em 1975 por feministas francesas que acreditavam haver para isso, sim, raízes econômicas e sociais. Na revista "Debate"¹⁰, elas discutiram os estereótipos de mulheres e

homens e a desigualdade com relação à sexualidade. As feministas combatiam:

[...] os estereótipos, absolutamente opostos do homem e da mulher. A mulher é apresentada como afeita às tarefas domésticas; abnegada, afetiva, fiel, passiva sexualmente; pacifista, embora ignorante das grandes questões políticas; pouco propensa ao estudo científico, etc., "características" estas que nada mais fazem senão condicionar o desempenho do papel de mãe e esposa (DEBATE apud MORAES, 1996, p. 57).

O trecho final demonstra o quanto o papel de mãe e esposa era (e provavelmente ainda seja) atrelado à visão sobre a mulher. Moraes (1996) ainda destaca que as feministas do "Debate" atentaram para as diferentes condições atribuídas a mulheres e a homens com relação à vivência da sexualidade. Na dupla moral sexual, para elas, a sexualidade é diretamente ligada ao casamento e à maternidade. Já para eles, é concedida liberdade sexual antes e depois do casamento. As feministas criticavam ser a sexualidade da mulher limitada à reprodução.

O jornal "Nós Mulheres", em 1976, também traz a questão da sexualidade da mulher e de sua posição como mãe. O jornal era publicado por mulheres de São Paulo que se proclamaram feministas e circulava entre feministas de outras partes do Brasil e do exterior, segundo Moraes (1996). Em um dos documentos estudados pela autora, as feministas marxistas do "Nós Mulheres" falavam sobre o risco de reproduzir eternamente os papéis tradicionalmente relacionados à mulher: o de mãe, esposa e dona de casa. Vemos, assim, o quanto a maternidade é um fator presente na representação da mulher. E mais, o quanto ser mãe faz parte da discussão sobre as desigualdades entre mulheres e homens na sociedade patriarcal em que (ainda) vivemos.

Apesar da importância da mãe na criação dos filhos, existia a necessidade da presença masculina, originada na visão do modelo familiar patriarcal; a autora discorre sobre a família considerada tradicional: "Esta é a base 'natural' sobre a qual se sustenta o modelo de uma família tradicional marido provedor/mulher dona de casa em tempo integral. O que faz com que a maternidade seja uma das faces de uma relação complexa entre um homem, uma mulher e uma (ou mais) crianças(s). Em outras palavras, da família" (MORAES, 1996, p. 91). Esse modelo refere-se a uma família completa, com presença de mãe dona de casa em tempo integral, pai provedor e filhos. De acordo com ele, cabe à mulher a esfera privada, e ao homem, a esfera pública.

As revistas femininas têm acompanhado os interesses das mulheres e, de certa forma, representado e influenciado comportamentos de diferentes épocas. Em revistas femininas dos séculos passados, era comum ver-se reproduzido um ideário sobre a mulher que a relacionava ao lar e à maternidade. Esse modelo editorial se multiplicou por um longo tempo, até o século XIX, segundo Scalzo (2008). Outras temáticas foram sendo incluídas, nos séculos XIX e XX, como dicas de culinária e beleza, até as décadas de 1950 e 1960, em que o destaque eram as fotonovelas. Mira (2001, p. 35-36) comenta que essas revistas não buscavam mudar o modelo da sociedade com relação à mulher, porque "Tanto as histórias como os conselhos e a vida dos astros vinham sempre carregados pela moral rígida da época, pela valorização da renúncia, do sofrimento, da virgindade, do casamento". Com isso, vemos os papéis de mãe, esposa e dona de casa terem eco na imprensa.

Tendo em vista a conjuntura sócio-histórica comentada até aqui, parece possível afirmar a existência de uma formação discursiva conservadora, que coloca a maternidade como importante, senão principal condição da mulher e que a posiciona como principal responsável pela criação dos filhos. Essa FD remete também a padrões familiares que se baseiam na instituição do casamento, na dupla moral sexual e no modelo familiar patriarcal.

A segunda metade do século XX foi marcada por quebras de paradigmas. A revolução sexual, com a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e na esfera pública, a popularização da pílula anticoncepcional e o movimento feminista, foi responsável por algumas mudanças no comportamento feminino. Conforme Moraes (1996, p. 89), a pílula anticoncepcional marca, no plano do real e no simbólico, a "emancipação sexual da mulher". A possibilidade de não procriar foi uma das responsáveis pela "crise" da família tradicional. A partir dessas circunstâncias, forma-se outro posicionamento da mulher na sociedade: além de mãe e dona de casa, ela trabalha fora pelo sustento da família, em uma dupla jornada de trabalho. Da esfera privada à esfera pública, a mulher passa a ter novas atribuições.

Com esses avanços e conquistas das mulheres, na segunda metade do século XX, surgem novos arranjos familiares. Entre eles, o das mães solteiras, que criam seus filhos na ausência do pai das crianças. É possível afirmar que a situação dessas mulheres não se encaixa no modelo familiar tradicional, de modo que criar um filho sem o pai ainda é motivo para preconceito. Segundo o modelo de uma família tradicional, ser mãe solteira é considerado algo não "natural", uma condição que foge do ciclo conservador que envolveria amor, seguido de casamento entre um casal heterossexual e, somente depois disso, filhos. Também na contramão do modelo familiar um dia considerado padrão, há ainda mulheres que decidem pela

“maternidade independente”. São mulheres que, por opção própria¹¹, têm filhos sem a presença de uma figura masculina.

A partir dessa conjuntura sócio-histórica, após mudanças na condição feminina, parece possível identificar uma formação discursiva de certo modo inovadora. Ela remete: ao maior controle da mulher sobre sua sexualidade, à dupla jornada de trabalho e à possibilidade de arranjos familiares diferentes daquele representado pelo modelo familiar tradicional (MORAES, 1996).

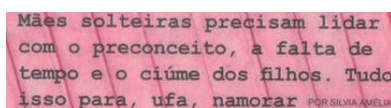
As revistas femininas continuaram a acompanhar as mudanças da mulher. Elas começaram a produzir reportagens que interessassem mulheres que não eram mais somente responsáveis pela casa e pelos filhos, mas que estavam em busca de sucesso profissional. Assim, incluíram-se temas como orçamento doméstico, consultas jurídicas, saúde e sexo (SCALZO, 2008), aliados a trabalho e maternidade.

A partir da reflexão de alguns papéis atribuídos à mulher, é possível identificar uma formação discursiva inovadora, perceptível após mudanças nas condições da mulher, e outra conservadora, presente há mais tempo na sociedade, que reflete valores antigos e perduráveis, talvez ainda presentes nos discursos atuais.

A representação da mãe solteira: um “pacote completo”

O *corpus* deste estudo é constituído pela reportagem “Pacote completo”. A reportagem trata de mulheres solteiras que têm filhos e que enfrentam dificuldades, por serem mães, na busca por um namorado. Analisamos como sentidos sobre mulheres e maternidade, especificamente as mães solteiras, estão sendo (re)produzidos e construídos no discurso da reportagem, e, se possível, a que formações discursivas esses sentidos se referem, buscando resgatar a memória inscrita na matéria.

Privilegiamos o título, a linha de apoio¹² e alguns trechos da reportagem, recortes que chamem a atenção e deem subsídios para a reflexão acerca da representação da mulher. Começamos observando a linha de apoio, reproduzida na Figura 1; o título, “Pacote completo”, é analisado ao final, depois das reflexões da reportagem como um todo.



Mães solteiras precisam lidar com o preconceito, a falta de tempo e o ciúme dos filhos. Tudo isso para, ufa, namorar. POR SILVIA AMÉLIA

Figura 1: Linha de apoio de “Pacote completo”.

Na linha de apoio, “Mães solteiras” revela uma nominalização¹³ para a condição das mulheres com filhos e sem marido ou companheiro. Ao invés de “mulheres que são mães”, ou “mulheres solteiras com filhos”, a jornalista fez a escolha lexical por “mães

solteiras". Um motivo para tal nominalização pode ser a necessidade de encurtar a linha de apoio, pois ela precisa resumir ao máximo a reportagem, em poucas palavras. Porém, é uma forma de englobar em um mesmo rótulo, de uma só vez, todas as mulheres que se enquadram nessa condição. Além disso, a expressão é popular e comum para designar as mães que são solteiras: em busca por "mãe solteira" no site de buscas *Google*, são encontrados mais de 500 mil resultados. Expressão tão utilizada, ela já carrega sentidos, que podem oscilar desde aspectos positivos até negativos de ser mãe solteira.

Na linha de apoio, vemos emergir um aspecto negativo da expressão: a condição de mãe solteira é percebida, senão como um problema, como um empecilho para a mulher. Afinal, se ser mãe solteira gera preconceito, é porque é causa de intolerância ou aversão por alguém, em algum momento. O "preconceito, a falta de tempo e o ciúme dos filhos" com que essas mulheres "precisam lidar" são colocados como dificuldades dessas mulheres, para namorar. Essa remissão as coloca em posição de mulheres diferentes, com problemas a serem resolvidos.

Esse discurso parece ir ao encontro do discurso conservador que não considera ser mãe solteira como algo natural. Estará a reportagem apenas relatando as dificuldades que essas mães enfrentam, ou também ajudando a reproduzir os preconceitos? Fato é que, ao propor dar sugestões sobre "Como conciliar namorado e filho"¹⁴, a revista pressupõe haver uma dificuldade no relacionamento amoroso dessas mulheres, que teria como causa o fato de já terem um filho. Apesar de a reportagem apontar como possível o relacionamento da mãe solteira com um homem que não seja o pai biológico da criança, a visão aqui reproduzida sobre esse arranjo familiar causa a impressão de estar inscrita em uma FD de que a mãe solteira foge do padrão tradicional do modelo familiar patriarcal, o que remete à FD conservadora comentada na seção anterior.

A construção da linha de apoio indica generalização. Todas as mães solteiras encontram essas adversidades em suas vidas: não uma ou outra dificuldade, mas sim todas, visto que a conjunção aditiva "e" conecta os elementos e exprime ideia de soma do preconceito, da falta de tempo e do ciúme dos filhos. Também demonstra que, antes de conseguir namorar, elas necessariamente precisam enfrentar esses problemas. Namorar vem em último lugar de importância, de acordo com a disposição da oração. Além disso, em outra generalização, a linha de apoio coloca como pressuposto que todas as mães solteiras têm como objetivo namorar.

Na oração seguinte, a expressão "tudo isso" recupera o "preconceito, a falta de tempo e o ciúme dos filhos" com que as mães "precisam lidar". Porém, mais do que fazer referência ou resumir o dito antes, "tudo isso" revela o longo caminho, o tanto que significa atravessar esses fatores para, finalmente, conseguir namorar. Essa

possibilidade de interpretação fica mais clara com a interjeição "ufa", a qual exprime um sentimento de alívio (PASCHOALIN; SPADOTO, 1997). Parece, também, indicar que o "tudo isso" que a mulher precisa lidar é algo cansativo, digno de um "ufa".

A reportagem traz quatro *cases*¹⁵: a primeira é uma mãe solteira que já vivenciou o sumiço de muitos pretendentes preconceituosos por ela ser mãe; a segunda enfrenta falta de tempo, além de pressão familiar, sem ter apoio dos pais para cuidar do filho para que ela possa sair de casa e namorar; a terceira enfrenta o ciúme do filho e a falta de tempo, porque o filho fica com o pai biológico apenas de 15 em 15 dias e, no resto do tempo, é ela a responsável por cuidar da criança¹⁶; e a última é a única que tem namorado. Essa revela que, quando começou a sair com o rapaz com quem vivencia um relacionamento de quatro anos, "[...] omitiu que tinha um bebê de oito meses [...]". Ela contou à repórter como foi momento quando o pretendente ficou sabendo: "Isis lembra que ele tomou um susto, mas continuaram juntos após o episódio-revelação" (ARAÚJO, 2010, p. 84).

Assim, a única personagem que conseguiu manter um relacionamento amoroso, conseguiu-o deixando de mencionar a sua condição de mãe solteira. É possível interpretar a menção a essa atitude da personagem, na reportagem, como uma sugestão às leitoras de como conquistar um companheiro, sendo mãe solteira: omitindo a existência do filho. Mais uma vez, parece que a condição de mãe solteira é abordada como um fator a ser aceito, ou até mesmo suportado pelo pretendente que quiser namorar a mãe solteira. Ser mãe solteira é colocado como um aspecto particular e negativo que essa mulher apresenta, em uma remissão à FD conservadora.

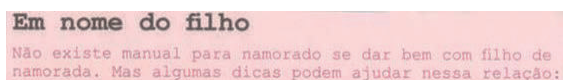
Depois de expor os problemas do fato de ser mãe para conquistar um companheiro e apresentar como única solução a omissão da existência do filho, a reportagem, contraditoriamente, sugere que, "Para manter um bom relacionamento como esse [o da única personagem que namora]", a mulher não deve descuidar da autoestima e nem se sentir inferior às que não têm filho. Parece haver aqui uma contradição, porque ser "bem resolvida", conforme sugere uma especialista citada na reportagem, envolve assumir a condição de mãe, ao contrário do caso citado, tido como referência de "um bom relacionamento", que começou com uma omissão.

Em seguida, a especialista consultada sugere à mãe-solteira: "Ela não deve se sentir inferior às que não têm filhos, como se estivesse na prateleira do saldão. Ser mãe não faz dela uma pessoa menos interessante. Ao contrário, normalmente isso torna a mulher mais madura" (ARAÚJO, 2010, p. 84). Esse trecho, que poderia apontar qualidades da mãe solteira, acaba sendo contraditório, mais uma vez, quando relacionado ao *case* da mulher que omitiu ao namorado o fato de ser mãe – afinal, se tal condição "não faz dela uma pessoa menos interessante", por que escondê-la? Além disso, ao dizer que a mulher

não deve se sentir inferior, a especialista reproduz a visão de que as mães solteiras têm algo de diferente e negativo em comparação com as que não são mães. Há, assim, mais um indício da carga negativa que ser mãe solteira carrega, o que remete a sentidos conservadores.

O preconceito sofrido pelas mães solteiras que namoram ou buscam um namorado se origina na existência de um “mito” entre os homens de que “a maternidade é suficiente para elas”, nas palavras da especialista entrevistada. Tal ideia está inserida na FD tradicional, que coloca a maternidade como um importante papel da mulher, senão o principal. Ainda segundo a especialista, alguns homens “pensam que, se a mulher tem um filho, ela precisa estar o tempo todo cuidando dele”. Se interpretarmos que a especialista faz uma crítica e discorda de tal pensamento masculino e que, na realidade, ela considera que a mãe solteira tem tempo para namorar, percebemos uma contradição em relação ao primeiro e ao segundo *cases* de mães solteiras, que de fato não dispõem de tempo para ter um relacionamento.

Ao final da reportagem, o quadro intitulado “Em nome do filho”¹⁷ traz dicas para o relacionamento amoroso da mãe solteira dar certo. Nele, constam atitudes a tomar, pelo bem das crianças. A chamada para o quadro diz: “Não existe manual para namorado se dar bem com filho de namorada. Mas algumas dicas podem ajudar nessa relação” (Figura 2). As sugestões, portanto, propõem-se a ajudar na relação do namorado com o filho da namorada. Entretanto, ao afirmar que não há manual para o namorado, é retirada a responsabilidade do homem perante o sucesso ou o fracasso de tal relação.



Em nome do filho
Não existe manual para namorado se dar bem com filho de namorada. Mas algumas dicas podem ajudar nessa relação:

Figura 2: Título e subtítulo do quadro “Em nome do filho”.

Os demais textos do quadro confirmam essa hipótese, como nos seguintes trechos: “Deixe claro que nada é capaz de modificar o que você sente por ele. A criança precisa estar segura de que o afeto da mãe está garantido [...]”, “Não se queixe na frente da criança das dificuldades de criar um filho sozinha [...]”, “Apresente o cara como namorado, e não como ‘tio’ ou amigo [...]” (ARAÚJO, 2010, p. 85). As orações imperativas dirigem-se à leitora e deixam claro que é ela a responsável pelas atitudes a serem tomadas “em nome do filho” e em nome da relação amorosa. Se ela deseja levar adiante esse relacionamento, há precauções a tomar. A reportagem, nesse sentido, reafirma a figura materna como principal responsável pela criação dos filhos e acaba por reproduzir, novamente, a FD tradicional sobre a mulher. Faz isso, também, por meio do “não dito” (ORLANDI, 1999, p. 82): não cita atribuições nem ao namorado, nem ao pai biológico da criança¹⁸. Não sugere mudanças e, portanto, não reproduz sentidos

concordantes com a FD associada à mulher após os avanços do século XX.

Após a discussão da reportagem como um todo, voltamos ao título, "Pacote completo". Essa é uma expressão que, dependendo da FD em que se inscreve, toma um sentido diferente. Por exemplo, quando inscrito na divulgação de uma viagem turística, "pacote completo" significa a inclusão de regalias como refeições e traslado do aeroporto ao hotel. Em outro exemplo, como na referência a um pacote completo de um *software* de computador, remete à inclusão de todos os programas. Há, nestes casos, um sentido positivo atribuído à expressão.

Quando inscrita na reportagem, a expressão refere-se a "Essa mulher que vem com o pacote completo (tem uma filha [ou filho] para criar e uma vida cheia de responsabilidades) [...]" (ARAÚJO, 2010, p. 83). Essa descrição da mãe solteira causa a impressão de que o homem que se relacionar com essa mulher vai ter de lidar com algo a mais: com a atribuição de pai, já que ela vem com um filho, de outra relação. Nesse caso, a possibilidade de sentido que emerge é de um problema que essa mulher enfrenta para ter um relacionamento amoroso, ou seja, aqui o sentido é negativo. A linha de apoio, quando relacionada ao título, parece confirmar essa hipótese, porque apresenta as dificuldades de ser mãe solteira.

No último parágrafo da reportagem, fica claro que "pacote completo" é uma nominalização para a mãe solteira, pois a autora se refere a "uma mulher pacote completo" (ARAÚJO, 2010, p. 84). A expressão "pacote completo", assim, representa um exemplo do equívoco da língua, da suscetibilidade de todo enunciado tornar-se outro e se deslocar discursivamente de seu sentido (PÊCHEUX, 1990).

Buscamos, nesta análise discursiva, a partir de elementos da materialidade linguística da reportagem, observar como dizeres estão sendo construídos sobre as mulheres. Observamos a interdiscursividade em atuação nesses discursos, na forma de um movimento de dizeres e sentidos ali presentes resgatando a memória, isto é, sentidos anteriores já presentes sobre as mulheres, reidentificados na reportagem da revista.

Considerações finais

Neste trabalho, foi possível observar a capacidade do discurso jornalístico em construir valores, crenças e representações. Os discursos da reportagem "Pacote completo", da revista *Gloss*, reproduzem posições duais sobre a mulher. Eles apontam para novos caminhos, mas ainda carregam em si valores tradicionais da representação feminina¹⁹. Os discursos sobre as mães solteiras tanto trazem possibilidades de novos arranjos familiares, diferentes do modelo tradicional, e de uma vivência diferente da sexualidade feminina, quanto carregam valores tradicionais. Há uma convivência

de sentidos inovadores, ligados a novas possibilidades e atribuições da mulher, com sentidos conservadores, associados à mulher mãe-dona de casa e ao tradicional modelo familiar patriarcal.

A temática da reportagem parece, a princípio, apontar um caminho de inovação frente a formações discursivas que prezam a instituição do casamento e a família formada pela mãe dona de casa, o marido provedor e os filhos, porque assume como possível o relacionamento da mãe solteira com outro homem, que não o pai biológico da criança. No entanto, no decorrer da análise, observamos remissões a sentidos de formações discursivas conservadoras. Mesmo afirmando que a mãe "tem todo o direito de sair para namorar e se divertir" (ARAÚJO, 2010, p. 85), por trás disso ainda coloca o fato de ser mãe como uma restrição à vida da mulher que deseja um namorado, pois, afinal, ela precisa antes lidar com o preconceito, o ciúme do filho e a falta de tempo. A reportagem ainda atribui à mãe a maior responsabilidade sobre a criação dos filhos, como vimos no quadro "Em nome do filho". Assim, a formação discursiva na qual os papéis tradicionalmente relacionados à mulher – de mãe, esposa e dona de casa – ainda se faz presente.

O preconceito é uma questão recorrente na reportagem: a condição de mãe solteira é tida como um aspecto negativo da mulher. Ser uma "mulher pacote completo" (ARAÚJO, 2010, p. 84), isto é, já ter um filho de uma relação anterior, é colocado como um problema para a mulher ter um novo relacionamento amoroso. Se o fato de ser mãe é passível de preconceito e é considerado um empecilho para namorar, a mãe solteira é vista como uma mulher diferente, com um aspecto negativo em relação àquela que não é mãe. Com isso, o discurso da reportagem acaba por reproduzir a FD que considera ser mãe solteira como algo que foge ao "natural", isto é, ao modelo de uma família tradicional, formada pelo ciclo amor, casamento entre um casal heterossexual e, somente então, filhos.

Apesar de abordar o preconceito vivenciado pelas mães solteiras, a reportagem não se preocupa em desmitificar essa visão; apenas assume a existência do preconceito por parte de homens e sugere que ele se origina em dois aspectos: no mito de que a maternidade é o bastante para a mulher e no pensamento masculino de que cuidar do filho tomaria todo o tempo dela. Falta, nesse sentido, apontar caminhos para a mudança de pensamento sobre a mãe solteira. Além disso, pressuporíamos que certos valores não estivessem sendo (re)produzidos em uma revista que diz ter "[...] um texto claro, aberto, irreverente e sem frescura" (ASSINE ABRIL, 2012, *online*).

A análise realizada neste trabalho não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação, pois certamente outro analista poderia buscar outros caminhos de análise. Conforme lembra Orlandi (1999), uma vez analisado, o objeto permanece aberto a novos

olhares e não se esgota em uma descrição, podendo ser retomado com diferentes abordagens e objetivos.

Notas

* Mestre em Letras, Área de Concentração em Linguística Aplicada, pela Universidade Católica de Pelotas. E-mail: bluedani@gmail.com

¹ Essa reportagem está inserida na seção "Gloss Amor", que propõe tratar de: "Namoro, casamento, paquera. Tudo o que se refere a relacionamento e que seja de interesse das mulheres entre 18 e 28 anos." (Publiabril, 2012, *online*).

² *Gloss* é uma revista de comportamento da Editora Abril. Com circulação nacional e periodicidade mensal, possui tiragem de mais de 220 mil exemplares, segundo dados de 2011. A publicação dirige-se ao público jovem feminino e propõe-se a "[...] orientar as escolhas da leitora e responder suas dúvidas sobre sexo, amor, moda, beleza, trabalho, dinheiro, consumo e estilo de vida de forma direta" (Publiabril, 2012, *online*). Com recente criação (outubro de 2007), *Gloss* permite atualizar os estudos de gênero em revistas, que já apresentam considerável número de pesquisas que têm como objeto de estudo publicações como Nova e Claudia, entre outras revistas presentes há anos, e mesmo décadas, no mercado editorial brasileiro. A escolha de *Gloss* ainda se justifica por essa revista ter se destacado ao preencher uma lacuna no mercado de revistas da Editora Abril: dirigindo-se especialmente a mulheres de 18 a 28 anos, ela se posicionou entre duas publicações femininas já existentes – Capricho (com público predominante de 10 a 19 anos) e Nova (25 a 44 anos) (Publiabril, 2012, *online*).

³ Dados de pesquisa da Target Group Index e produzida pelo IBOPE Mídia. A pesquisa foi realizada com mais de 19 mil pessoas de 12 a 64 anos de idade, de regiões metropolitanas e do interior do Sul e do Sudeste do Brasil, entre agosto de 2008 e agosto de 2009. Inclui-se nesse estudo quem é mãe, tutora ou responsável direta por alguma pessoa da residência (Sonho de mãe, IBOPE, 2012, *online*).

⁴ Ainda assim, é preciso considerar que cada formação discursiva não é um bloco homogêneo, que funciona automaticamente, conforme atenta Orlandi (1999). Devemos levar em conta a fluidez de suas fronteiras e a contradição e heterogeneidade de sua constituição. Pelo fato de as FDs configurarem-se e reconfigurarem-se continuamente em suas relações, temos claro que, neste trabalho, fazemos um simples gesto de interpretação, uma tentativa de identificar sentidos que remetem às FDs sobre representação das mulheres.

⁵ É importante ressaltar que o sujeito da análise de discurso não é o sujeito físico, empírico. É, sim, um sujeito determinado pela linguagem e pela história, constituindo-se ao ser afetado por elas. Interessa à AD a posição-sujeito que esse sujeito ocupa, o lugar de onde fala (ORLANDI, 1999).

⁶ É válido lembrar a teoria do espelho, que coloca o produto do jornalismo, a notícia, como transmissora de um reflexo da realidade (TRAQUINA, 2005).

⁷ Essas reportagens ainda valorizam o aspecto humano, inserindo personagens reais e contando suas histórias.

⁸ Funck (2007) utiliza o termo "femininidade", em lugar de "feminidade" e "feminilidade", por esses trazerem, respectivamente, a ideia de fêmea e de um feminino historicamente inferiorizado.

⁹ Tradução para: "[...] gender is the social organization of sexual difference. But this does not mean that gender reflects or implements fixed and natural physical differences between women and men; rather gender is the knowledge that establishes meanings for bodily differences".

¹⁰ Na revista Debate, feministas de Paris publicaram artigos sobre a questão feminina. Elas formavam uma corrente do feminismo marxista que se preocupava em colocar em pauta a questão da opressão sexual da mulher.

¹¹ Vale lembrar que esse não é o caso da mulher retratada na reportagem de *Gloss*, conforme veremos. As mulheres representadas no texto analisado engravidaram e não contaram com presença do pai da criança.

¹² Os títulos e as linhas de apoio apresentam e resumem reportagens e servem de chamariz para os textos. Em jornais, por exemplo, é possível afirmar que os leitores passam os olhos por vários títulos e linhas de apoio, à procura daquele assunto que mais os interessam.

¹³ Segundo Pereira, a nominalização possibilita resgatar elementos do interdiscurso, isto é, do "antes", que não aparecem na materialidade do texto, mas cujos efeitos se fazem sentir.

¹⁴ "Como conciliar namorado e filho" é a chamada de capa da revista, referente a essa reportagem, o que confirma o fato de *Gloss* estar propondo soluções para a dificuldade enfrentada pelas mães solteiras.

¹⁵ *Case*, no jargão jornalístico, é a personagem participante da matéria, que ilustra a reportagem, ou mesmo é o ator principal em torno do qual gira a matéria.

¹⁶ Esse é um exemplo da criação dos filhos sendo vista como, principalmente, de responsabilidade da mulher e da maternidade como sendo um importante fator de sua condição.

¹⁷ O intuito da jornalista provavelmente é, com essa expressão, fazer alusão à saudação utilizada na religião católica, "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Se essa expressão for interpretada como filiada a uma FD ligada ao catolicismo, pode ser lida como dando ar de sagrado às atitudes da mãe a serem tomadas pelo filho.

¹⁸ Nas palavras de Orlandi (1999, p. 84-85), "[...] o que é silenciado constitui igualmente o sentido do que é dito. As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio".

¹⁹ O trabalho de Zucco e Minayo (2009) também aponta para que as revistas femininas expõem discursos em posições duais, nesse caso, com relação à sexualidade da mulher.

Referências

ARAÚJO, Silvia Amélia de. Pacote Completo. **Revista Gloss**. São Paulo, nº 39, p. 82-85, dez. 2010.

Assine Abril. 2012. Disponível em: <<https://www.assine.abril.com.br/portal/revista!initRevista.action?codProjeto=955>>. Acesso em: 13 maio 2012.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2001.

FUNCK, Susana. Discurso e identidade de gênero. In: CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa; SCLiar-CABRAL, Leonor. **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007, p. 183-195.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, nº 1, p. 61-76, 2008.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**. História e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

_____. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos Pagu**, nº 21, p. 13-38, 2003.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Vinte anos de feminismo**. Tese de livre-docência apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI, Suzy. **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neuza Terezinha. **Minigramática**. São Paulo: FTD, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Discurso e ideologia(s). In: **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do obvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. **Discurso:** estrutura ou acontecimento. Pontes: Campinas, 1990.

_____. Análise Automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PEREIRA, Aracy Ernst. **Corpo e Subjetividade:** "efeitos" dos cosméticos. s./d/.

Publiabril. 2012. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas-e-plataformas>>. Acesso em: 15 maio 2012.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SCOTT, Joan. Introduction. In: **Gender and the politics of history.** New York: Columbia University Press, 1999, p. 1-11.

Sonho de mãe. **IBOPE.** 2010. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=IBOPE+M%EDdia&docid=C6B9C683445ADFA3832577340051A75A>>. Acesso em: 2 maio 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. 2 ed. v. 1, Florianópolis: Insular, 2005.

ZUCCO, L.P.; MINAYO, M.C.S. Sexualidade feminina em revista(s). **Interface:** Comunicação, Saúde, Educação, v. 13, nº 28, p. 43-54, jan./mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000100005>. Acesso em: 20 maio 2012.

Recebido em: maio de 2012.
Aprovado em: agosto de 2012.